

## BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC): APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS DA PERSPECTIVA DE PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Elisangela Krum de SOUZA

*Universidade Federal de Santa Catarina*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo discutir a abordagem do eixo análise linguística (AL), na Base Nacional Comum Curricular de Língua Portuguesa-BNCC/EFII, no sentido de investigar o alinhamento (ou não) aos estudos contemporâneos na área, a fim de criar inteligibilidades para os leitores potenciais, em especial o professor. Para tanto, foi realizada análise do eixo AL, nas quatro versões do documento, seguida de mapeamento das orientações teórico-metodológicas na introdução do componente e das habilidades que refletem (ou não) a abordagem de AL, na versão final. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos do Círculo de Bakhtin e nos estudos contemporâneos da Linguística Aplicada. Os resultados da análise apontam aproximação à prática de AL, quando esta se apresenta articulada aos eixos de leitura e produção textual, no interior dos campos de atuação, e afastamento, quando a organização do documento isola todo o eixo e organiza os conteúdos cumulativamente.

**Palavras-chave:** BNCC; Ensino de língua portuguesa; Análise linguística.

### *NATIONAL CURRICULAR BASE: ALIGNMENTS AND DEVIATIONS FROM THE PERSPECTIVE OF LINGUISTIC ANALYSIS PRACTICE*

**Abstract:** *This paper discusses the approach of the axis Linguistic Analysis (LA), in the Brazilian National Curricular Base of Portuguese Language for EFII (grades 6<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup>), in order to investigate the alignment (or not) with contemporary studies in the area, aiming to create intelligibility for potential readers, especially the teacher. Therefore, an analysis of the LA axis was carried out in the four versions of the document, followed by mapping the theoretical methodological guidelines in the introduction of the component and the skills that reflect (or not) the LA approach, in the final version. This research is based on the assumptions of the Bakhtin Circle and on contemporary studies of Applied Linguistics. The results of the analysis point to an approximation to the practice of LA when it is articulated to the axes of reading and textual production, within the fields of action, and to a deviation from LA when the organization of the document isolates the entire axis and organizes the contents cumulatively.*

**Keywords:** *BNCC; Portuguese language teaching; Linguistic analysis.*

## BASE NACIONAL COMÚN CURRICULAR (BNCC): APROXIMACIONES Y DISTANCIAMIENTOS DE LA PERSPECTIVA DE PRÁCTICA DE ANÁLISIS LINGÜÍSTICO

**Resumen:** El presente artículo tiene por objetivo discutir el abordaje del eje análisis lingüístico (AL), en la Base Nacional Común Curricular de Lengua Portuguesa-BNCC/EFII, con la finalidad de investigar el lineamiento a los estudios contemporáneos en el área, y con la perspectiva de crear inteligibilidades a los lectores potenciales, en especial, el profesorado. Para ello, se realizó un análisis del eje AL, en las cuatro versiones del documento, seguido de un mapeo de las orientaciones teórico-metodológicas en la introducción del componente y de las habilidades que reflejan (o no) en el abordaje de AL, una versión final. La investigación se fundamenta en las ideas del Círculo de Bakhtin y en los estudios contemporáneos de la Lingüística Aplicada. Los resultados del estudio direccionan a una aproximación a la práctica de AL, cuando esta se presenta articulada a los ejes de lectura y producción textual, en el interior de los campos de actuación, y como distanciamiento, cuando la organización del documento aísla todo el eje y organiza los contenidos acumulativamente.

**Palabras-clave:** BNCC; Enseñanza de lengua portuguesa; Análisis lingüístico.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas quatro décadas, muito se tem refletido acerca do ensino de Língua Portuguesa (LP) na escola básica, em estudos desenvolvidos principalmente por pesquisadores da área da Linguística Aplicada (LA). Dos discursos que constituem a prática docente, observamos que as orientações curriculares prescritas em documentos oficiais têm forte implicação na seleção dos conteúdos de ensino e aprendizagem em sala de aula (Rodrigues, 2009; Bunzen, 2011). Para o currículo de Língua Portuguesa, textos oficiais e livros didáticos legitimados pelo Governo podem instituir determinadas concepções e práticas, dentre elas, o ensino de gramática ou de análise linguística na escola.

Embora haja pesquisas acadêmicas apontando significativas mudanças no ensino de LP, desde fins da década de 1970 (Pietri, 2003), em muitos casos alinhadas aos avanços teóricos no campo da Linguística Aplicada acerca do ensino e aprendizagem, a prática de análise linguística (PAL) não tem sido abordada na mesma proporção em que o são os eixos de leitura e escrita (Bezerra; Reinaldo, 2013).

Se documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ainda evocam problematizações em torno da prática de análise linguística (Santos, 2017),

consideramos atual e relevante um estudo sobre o mais recente documento oficial de ensino: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em meio a um conturbado processo que, entre interesses e impasses, durou quase quatro anos, rendendo quatro versões diferentes, a BNCC foi homologada em dezembro de 2017 para as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais). Por conta da Reforma do Ensino Médio, projetada no Governo Temer, a BNCC/EM foi desvinculada do texto do EF devido às reformulações previstas na Lei nº 13.415/2017 e, assim, homologada um ano depois, em dezembro de 2018<sup>1</sup>.

Decorrente das reformulações no texto da BNCC, desde sua publicação, em 2015, o componente de LP sofreu várias alterações, dentre as quais, destacamos a flutuação terminológica para o eixo “análise linguística”. Na primeira versão para consulta pública (BNCC/EFII-v1, 2015), constituía-se de uma lista de objetivos de aprendizagem e, apesar de haver a nomeação na introdução do componente LP, o eixo não é identificado junto às demais práticas de linguagem, no rol dos objetivos. Na segunda versão (BNCC/EFII-v2, 2016), recebe o nome de “*conhecimentos sobre a língua e sobre a norma*”; na terceira versão (BNCC/EFII-v3, abril de 2017), “*eixo conhecimentos linguísticos e gramaticais*” e, na quarta versão – homologada – (BNCC/EFII-v4, dez. de 2017), “*análise linguística/semiótica*”.

Considerando que todas essas movimentações em torno do eixo revelam diferentes compreensões para o que seja a prática de AL e que a BNCC passa a indicar os conteúdos a serem ensinados, no presente artigo, apresentamos resultados de uma pesquisa<sup>2</sup> que teve por objetivo investigar se a abordagem da análise linguística na BNCC/EFII sinaliza um trabalho alinhado aos estudos contemporâneos em LA para o ensino de LP na escola, a fim de criar inteligibilidades para os leitores potenciais, em especial o professor.

---

<sup>1</sup> A BNCC/EM não altera o texto do EF/II, a não ser pela adição em número de páginas. Nosso documento de referência para leitura e análise de dados é a versão de 2017, identificada, neste estudo, como quarta versão homologada (doravante BNCC/EFII-v4), de modo que toda referência de paginação corresponde a esta (BRASIL, 2017b).

<sup>2</sup> Nesse texto, apresentamos parte dos resultados de pesquisa de mestrado (SOUZA, 2019), desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/2017-2019).

Em nossa análise, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-filosóficos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011[1979]; Bakhtin [Volochínov], 2014[1929]; Volochínov, 2013[1930]), nos quais ancoramos nossa concepção de linguagem; no âmbito dos estudos contemporâneos da LA, buscamos as bases teórico-conceituais para a prática de AL (Bezerra; Reinaldo, 2013; Britto, 1997; Franchi, 2006[1988]; Geraldi, 1999[1984]; 2002[1991]); Mendonça, 2006; Polato, 2017). Metodologicamente, optamos pelo método documental (Cellard, 2008; Duffy, 2008), de cunho qualitativo interpretativista (Moita Lopes, 1994).

No presente artigo, inicialmente discorremos sobre alguns fundamentos para a PAL; na sequência, realizamos um cotejamento no que se refere a nomeações e encaminhamentos do/no eixo AL, nas quatro versões da BNCC/EFII; em seguida, procedemos à análise de aproximações e afastamentos à prática de AL na BNCC/EFII-v4, considerando estudos recentes sobre ensino de LP; por fim, apresentamos algumas considerações.

## 1. Prática de Análise Linguística

Com a contribuição das teorias linguísticas nas últimas décadas do século XX, houve uma crítica sistemática à gramática tradicional e seu ensino. Nos aspectos teóricos e metodológicos, intensificam-se as pesquisas acadêmicas que buscam ressignificar o ensino de LP.<sup>3</sup> Nesse contexto, o conceito de análise linguística começa a ser discutido, na primeira metade dos anos 1980, como uma alternativa pedagógica de reflexão sobre a língua em uso, a partir de enunciados concretos (Bakhtin [Volochínov], 2014[1929]).

Marco desse período, uma obra seminal no campo, organizada por João Wanderley Geraldi, *O texto na sala de aula* (1984), dentre vários objetos que são convocados à reflexão, traz discussões e propostas que configuram a necessidade de se repensar o ensino de LP centrado na metalinguagem. Destaca-se aí a emergência do termo **Análise Linguística** e suas implicações na prática docente.

---

<sup>3</sup> Há estudos contemporâneos em Linguística Aplicada que problematizam e abordam a prática de análise linguística, dentre os quais destacamos Santos-Clerisi, 2020; Acosta Pereira e Costa-Hübes, 2021; Acosta Pereira, 2022.

A utilização do termo “análise linguística”, assim como outros concebidos em pesquisas acadêmicas, difundidos em publicações e reenunciados no contexto escolar, atua como uma espécie de “guarda-chuva” conceitual, o que implica, indubitavelmente, um olhar investigativo considerando o avanço das interpretações teórico-conceituais e metodológicas nas pesquisas no campo da LA.

Ao discutir as questões de linguagem, suas influências e implicações ao ensino, Geraldi alinha-se às proposições teóricas de Bakhtin/Volochínov (2014[1929]) ao assumir a linguagem como lugar de constituição de sujeitos em situação concreta de interação (Geraldi, 1999[1984]). Essa nova proposta de repensar o ensino a partir da concepção de linguagem como forma de interação afasta-se da tradição dos conteúdos gramaticais, pautada em unidades menores como letra/fonema, palavra, frase, e elege o texto como novo objeto de ensino e aprendizagem. Sob esta configuração, ao lado da leitura e da produção de textos orais e escritos, a AL constitui um dos eixos básicos para o ensino de LP (Geraldi, 1999[1984]).

Geraldi (1999[1984]) e Franchi (2006[1988]) discutem o redirecionamento dos estudos gramaticais e, no escopo da dimensão reflexiva sobre/com a linguagem, apresentam uma distinção entre atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, com níveis e finalidades distintas, para se (re)pensar o ensino de língua materna. Assim, os pressupostos da proposta de um ensino operacional e reflexivo (Britto, 1997) passam a ser assumidos em pesquisas da LA e revozeados em documentos oficiais de ensino.

De modo geral, as *atividades linguísticas* correspondem às de uso “pleno, circunstanciado, intencionado” da linguagem nas interações sociais, possibilitando o exercício da gramática interiorizada. À medida que são propiciadas condições para construção de hipóteses relativas à estrutura da língua, as atividades linguísticas aproximam-se das atividades *epilinguísticas* quando há a reflexão sobre os recursos expressivos, cuja prática “opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações” (Franchi, 2006[1988], p. 97). As *atividades metalinguísticas* são recomendadas por Franchi para que sejam desenvolvidas nas últimas séries do Ensino Fundamental, quando o aluno fala sobre a língua ou a descreve a partir de um quadro nocional intuitivo ou teórico que

se efetiva em uma metalinguagem, devendo ser praticada depois que ele já tenha domínio das atividades linguísticas e epilinguísticas.

De acordo com Britto (1997), Franchi e Geraldi projetaram uma perspectiva renovadora no ensino de língua, muito além do tradicional. Essa reconfiguração da disciplina por meio de pressupostos teóricos-metodológicos que orientam o ensino “a um só tempo operacional e reflexivo” (Britto, 1997, p. 230) colocam em articulação três unidades básicas: práticas de leitura, de produção de textos e de análise linguística.

Nesse período de propostas de reconfiguração do ensino nessa disciplina, ocorre a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), documento oficial que se alinha às pesquisas atuais de seu tempo e reenuncia as orientações de Geraldi (1999[1984]; 2002[1991]), ao propor a articulação entre os eixos do uso e reflexão, priorizando, na prática de AL, a abordagem epilinguística (Geraldi, 2002[1991]; Franchi, 2006[1988]).

Sob essas bases teórico-metodológicas, “a unidade básica do ensino só pode ser o texto”, assim como “a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino” (Brasil, 1998, p. 23). Os PCN orientam que as atividades discursivas envolvendo a produção ou a leitura de textos orais/escritos sejam permeadas pela diversidade de gêneros discursivos/textuais, possibilitando a análise, a reflexão sobre a língua e, paulatinamente, a ampliação da competência discursiva do aluno. Para tanto, sugerem como metodologia para o trabalho com os objetos de ensino de LP, a articulação entre os eixos do USO da língua (prática de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos) e o da REFLEXÃO (prática de análise linguística), sintetizando os princípios organizadores dos conteúdos da disciplina. Nessa perspectiva, a expressão *análise linguística* circunscreve-se no desenvolvimento das atividades epilinguísticas para as metalinguísticas (Brasil, 1998, p. 28).

Apesar da profusão de pesquisas no campo da LA, Bezerra e Reinaldo (2013) destacam que a AL, enquanto objeto de ensino, é a que menos sofreu modificações nas práticas de sala de aula e, também por isso, constitui um relevante objeto de estudo, pois, para fugir ao “dogmatismo ou à mera intuição” e ao “escolasticismo” (Bakhtin, 2013), é necessário clareza do que se pretende com essa perspectiva.

Por acreditarmos que a mudança é gradual e repleta de dúvidas e que as práticas escolares refletem também certas escolhas curriculares (Bunzen, 2011), entendemos pertinente investigar as orientações para a prática de AL presentes na BNCC, haja vista ser esse o documento oficial que passa a normatizar um currículo mínimo nas escolas e, conseqüentemente, (re)orientar a prática pedagógica do professor na sala de aula.

## 2. Ponderações em torno do eixo “AL” nas versões da BNCC

Passadas quase quatro décadas da proposta cunhada por Geraldi (1999[1984]) acerca da prática de AL, oficializada nos PCN (Brasil, 1998) e amplamente reenunciada pelo livro didático, voltamos a tematizar, em âmbito nacional e oficial, as implicações desse conceito. Se podemos considerar fortemente marcada a proposição de que a AL seja ainda o ponto nevrálgico no ensino de LP, todo o processo tumultuado de elaboração da BNCC corrobora essa compreensão. Não é à toa que, nesse componente curricular, somente tal eixo/prática sofreu relevantes alterações nas suas nomeações e, conseqüentemente, nos seus encaminhamentos, como podemos ver no cotejamento das quatro versões, realizado a seguir.

A título de ilustração, apresentamos no quadro abaixo, um panorama das nomeações para o eixo no decorrer das quatro versões:

1ª VERSÃO (Set./2015)	2ª VERSÃO (Maio/2016)	3ª VERSÃO (Abril/2017)	4ª VERSÃO (Dez./2017)
ANÁLISE LINGUÍSTICA	CONHECIMENTO SOBRE A LÍNGUA E SOBRE A NORMA	CONHECIMENTOS LINGUÍSTICOS E GRAMÁTICAIS	ANÁLISE LINGUÍSTICA/ SEMIÓTICA

**Figura 1** - Flutuação terminológica para o eixo AL nas versões da BNCC

Fonte: (Souza, 2019, p. 144)

Na primeira versão da Base<sup>4</sup>, **BNCC/EFII-v1**, de caráter preliminar e disponibilizada para consulta pública, o eixo nomeava-se **Análise Linguística** – das quatro versões, essa é a única cujo eixo ganha explicitamente tal denominação.

Apesar de contextualizada a ênfase dada pelo componente para a não “acumulação de um rol de conteúdos desconectados das práticas sociodiscursivas da linguagem” (BRASIL, 2015, p. 29), a disposição do componente em um rol de objetivos foi um dos aspectos negativamente apontado e avaliado por um dos responsáveis pela mudança nos conteúdos de ensino de LP para uma abordagem pautada em uma concepção de linguagem como interação. Geraldi (2015, p. 385) considera que “a base curricular em língua portuguesa não poderia se expressar na forma de uma listagem de conteúdos relativos a conhecimentos explícitos sobre a língua [e ironiza] (como foi num passado longínquo, quando se adotavam ‘conteúdos mínimos’)”. O autor aponta como positiva a orientação para o trabalho com variedades que os alunos não dominam ainda, sem “desqualificar as variedades de origem”, mas critica ainda o excesso de gêneros textuais/discursivos que são inseridos artificialmente, estrangulando possíveis espaços para projetos genuinamente escolares.

A análise linguística, nessa versão, é apontada como “eixo transversal”. Observamos que alguns objetivos de aprendizagem se aproximam da prática de AL quando destacam a mobilização de recursos linguístico-discursivos, a compreensão de aspectos relacionados à escolha de recursos de estilo e a construção/percepção dos efeitos de sentido produzidos ou agenciados em diferentes gêneros, na articulação às práticas de leitura e produção.

Notamos também que as formas verbais que fazem a entrada dos objetivos dessa versão não se concentram apenas em “identificar”, “localizar”, “reconhecer”, por exemplo, próprios de atividades metalinguísticas, mas agenciam verbos que implicam conhecimentos epilinguísticos como “compreender”, “mobilizar”, “analisar”, “planejar”, refletindo a proposta metodológica do uso-reflexão-uso (Brasil, 2015, p. 39).

Embora Geraldi (2015) apresente ressalvas ao excesso de gêneros textuais/discursivos, entendemos que há uma coerência entre a concepção de

---

<sup>4</sup> Utilizaremos abreviações para as versões do documento: BNCC/EFII-v1, de 2015; BNCC/EFII-v2, de 2016; BNCC/EFII-v3, (abril) de 2017 e BNCC/EFII-v4, (dez.) de 2017.

linguagem assumida na introdução da BNCC/EFII-v1, na opção pela nomeação do eixo como análise linguística e na proposição dos objetivos de aprendizagem no componente curricular Língua Portuguesa.

Para contextualizar, a **BNCC/EFII-v2 (2016)** é publicada em meio a um processo de *impeachment* aprovado contra a então Presidenta da República, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Num momento político delicado, o adensamento do documento é resultado de consulta popular e o componente de LP na BNCC/EFII-v2 passa a ser organizado por campos de atuação nos quatro anos do EF/II. Partindo de elementos semelhantes à versão anterior, o eixo que antes se nomeava AL, passa a ser denominado de **Conhecimento sobre a língua e sobre a norma**.

Neste eixo destacado, a maior parte dos objetivos refere-se à *compreensão* (12), seguido da *reflexão* (5) e do *reconhecimento* (5), os quais, quando desarticulados da leitura e da produção de textos, opõem-se às práticas circunstanciadas de linguagem. Acabam por se transformar, em grande medida, numa listagem de conteúdos gramaticais, em atendimento à norma-padrão, tal como a nomeação do eixo indica, contrariando a própria orientação do componente, segundo a qual, “[o]s conhecimentos sobre a língua e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua *no contexto dessas práticas*. (Brasil, 2016, p. 329, grifos nossos). No interior dos eixos (leitura e escrita), notamos vários objetivos (de aprendizagem) que se articulam à prática de AL, como EF06LP15, EF06LP29, EF08LP24.

Nos objetivos destacados a título de exemplo, notamos uma aproximação à PAL quando se articulam à prática de leitura e produção textual (Geraldí, 1999[1984]; Mendonça, 2006). Tanto aspectos gramaticais quanto a abordagem das variedades linguísticas são contempladas nesses objetivos, vinculados ao texto, ao gênero e ao campo de atuação, ou seja, contextualmente, nesses objetivos não se prioriza uma organização cumulativa, própria da gramática tradicional/normativa, nem tampouco o predomínio da norma-padrão.

Adiante, no período pós-golpe de 2016, é publicada a **BNCC/EFII-v3**. Em meio a um pacote de medidas, instaura-se a Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017),

motivo pelo qual o texto da BNCC do EM foi desvinculado do EFII, voltando somente no final de 2018, homologado.

Se esperamos um tratamento teórico-metodológico consistente, compreensível, não identificamos na ligeireza de encaminhamentos da BNCC/EFII-v3. Diferente das demais, não dialoga com os PCN (não o cita uma única vez) para situar conceitos basilares como linguagem, texto ou gênero textual/discursivo. Entende que “é por meio da língua que o ser humano pensa, comunica-se, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha e constrói visões de mundo e produz conhecimento” (Brasil, 2017a, p. 63), ou seja, aproxima-se mais da concepção de linguagem como expressão do pensamento (Franchi, 2006[1988]; Geraldi, 1999[1984]), afastando-se da compreensão da linguagem como um fenômeno dialógico, orientada para um interlocutor (Bakhtin, 2011 [1979]).

Na rasa definição para o eixo, já é possível deflagrar a dissociação que a BNCC/EFII-v3 faz entre prática de AL e gramática, contrariando os preceitos iniciais da abordagem proposta por Geraldi, quando afirmava que o trabalho com AL não significa negação da gramática, porque esta integra o conceito de AL.

Apesar de orientar para a “reflexão sobre as estruturas linguísticas” (Brasil, 2017a, p. 64-65), o enfoque nas definições do eixo está na apropriação de regras nos níveis: semântico, sintático e morfológico, desconsiderando-se o nível discursivo nas práticas de leitura e produção. Entendemos que tais inconsistências refletem a concepção de linguagem, a partir da qual se define e estrutura uma metodologia de ensino de LP e, conseqüentemente, a abordagem da PAL que fundamenta o documento. Ao separar conhecimentos linguísticos e gramática, o documento denuncia uma fragilidade conceitual e ignora anos de contribuição dos estudos linguísticos.

As unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades do eixo **Conhecimentos linguísticos e gramaticais** apontam para aspectos notacionais da língua, refletem uma pedagogia tradicional do ensino, com reprodução semelhante a um sumário das gramáticas tradicionais normativas, centrando-se nos aspectos de ortografia, processos de formação e significados das palavras, morfossintaxe. Nesse conjunto ainda, destacamos que as formas verbais utilizadas para introduzir as habilidades: “identificar”, “classificar”, “definir”, “reconhecer” dominam a textualidade do componente, apontando para um ensino centrado em aspectos estruturais e normativos,

desvinculados das situações de uso da língua, como podemos constatar em habilidades como EF06LP25, EF06LP33 e EF06LP35.

Essas habilidades nos remetem ao ensino de gramática tradicional, centrado no “trabalho de arquivamento”, na repetição inconsciente de fórmulas escolarizadas, limitando as condições de uso e reflexão sobre a linguagem (Franchi, 2006[1988]). Pelo conflito conceitual na distinção entre análise linguística x gramática, desconsideração da abordagem operacional e reflexiva para o ensino da língua e pelo privilégio de atividades metalinguísticas (sem pressupor o desenvolvimento de atividades epilinguísticas), podemos considerar, enfim, a BNCC/EFII-v3 como um retrocesso no cenário educacional que, fosse aprovada, conseqüentemente, exigiria um grande (re)investimento em pesquisas sobre o ensino de língua na escola.

Na **BNCC/EFII-v4**, o componente é enfático ao afirmar seu diálogo com outros documentos oficiais e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, mas buscando “[...] *atualizá-los* em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas *em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC)*” (BRASIL, 2017b, p. 65, grifos nossos).

Assim como nos PCN, a BNCC/EFII-v4 assume a perspectiva enunciativo-discursiva e a centralidade do texto no desenvolvimento de habilidades e uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos. Contudo, acentua-se: “em várias mídias e semioses” (BRASIL, 2017b, p. 65) dada contemporaneidade e multiplicidade de novas práticas de linguagem que circulam em ambientes digitais e que não podem ser desconsideradas pela escola (Brasil, 2017b, p. 66). Nesse sentido, (re)orienta-se o componente de LP na BNCC/EFII-v4, destacando a inserção de “novos letramentos, essencialmente digitais” (Brasil, 2017b, p. 67) nas práticas de linguagem. A apropriação de diversos gêneros da cultura digital talvez seja a grande novidade da BNCC/EFII-v4, que entende, por exemplo, que “[c]ompreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um gif ou meme” (Brasil, 2017b, p. 67).

Além da linguagem verbal na modalidade oral e escrita, os gêneros multissemióticos e suas multimodalidades passam a integrar o componente de LP na BNCC/EFII-v4. Tal entendimento reverbera no eixo *Análise Linguística* acrescido, nessa versão, do termo *Semiótica*, apresentado então pelo documento como o eixo - **Análise**

**linguística/Semiótica.** Podemos inferir, pela introdução do componente nessa última versão da BNCC, que a prática de AL/Semiótica contempla o trabalho com os gêneros multissemióticos/multimodais, considerando-se os elementos que os integram e os determinam para além do signo verbal e estarão assim, articulados à leitura e produção de textos.

A definição para o eixo não encaminha para o professor uma justificativa para acréscimo de termo tão abrangente como “Semiótica”. Quando ainda discutimos o que seja a PAL – e o encaminhamento histórico do documento comprova a afirmativa – esta versão, “recheada” de novos (multi)elementos, não esclarece os agenciamentos teóricos-conceituais que vão se sobrepondo, principalmente, para uma prática tão desafiadora (ainda) quanto a AL.

Nosso percurso pelas nomeações que o eixo (AL) recebeu ao longo do tempo na BNCC nos mostra que a oscilação terminológica entre ensino gramatical, ensino gramatical contextualizado (BNCC/EFII-v2 e v3) e análise linguística (BNCC/EFII-v1 e v4) se marca presente na LA do Brasil até a atualidade.

Esse olhar para as versões, construídas entre idas e vindas aceleradas e trocas de governo, traduz um discurso oficial nebuloso e conflitante da BNCC. O componente de LP não ficaria imune às disputas por sentidos, na definição daquilo que é mais ou menos importante na seleção dos conteúdos, e o eixo de AL, menos ainda, sempre tão polêmico, como procuramos mostrar nas ponderações aqui apresentadas. Se a cada versão publicada, esse eixo sugeria reflexões e discussões, é fato que a BNCC/EFII-v4, agora em franco processo de implementação, merece maior investimento em pesquisa.

Nossa análise adiante passa a se concentrar no eixo **AL/Semiótica**, no qual constatamos, a partir de nosso referencial teórico, pontos de aproximação e pontos de afastamento à perspectiva da prática de AL, postulada em estudos contemporâneos em LA para o ensino de LP.

### **3. Aproximações e afastamentos à perspectiva de AL na BNCC/EFII-v4**

Com o objetivo de criar inteligibilidades para os encaminhamentos à PAL na BNCC/EFII-v4, a partir de nosso referencial teórico, mapeamos as orientações teórico-metodológicas na introdução do componente e as habilidades que refletem (ou não) a

abordagem de AL nos eixos de Leitura, Produção de Textos e Análise Linguística/Semiótica.

Encontramos no estudo de Mendonça (2006) ancoragem - entre o que se compreende por ensino de gramática e PAL - para dar visibilidade às regularidades que se destacaram nessa fase de análise do documento. Importa dizer que nosso empreendimento analítico não abrange a totalidade das habilidades citadas nas práticas de linguagem do componente de LP. Fizemos um recorte daquelas que nos servem de exemplo para o desenvolvimento da discussão, portanto, como *recorte*, as habilidades são representativas de modo que não se dispensa uma leitura integral e situada delas no documento para compreendermos seu contexto.

Adiante, discutiremos ***aproximações e afastamentos*** à PAL identificadas no documento, iniciando pela base teórico-conceitual que fundamenta o componente e como/se esses conceitos e/ou orientações refletem nas habilidades descritas de acordo com as práticas e os campos de atuação.

As habilidades referentes ao eixo AL/Semiótica se apresentam nos Campos de Atuação – Jornalístico/Midiático, Atuação na Vida Pública, Práticas de Estudo e Pesquisa e Artístico-Literário – e no interior dos eixos de leitura, produção de textos e oralidade, mais fortemente marcado no 8º e 9º ano. Destacadamente, as habilidades desse eixo estão concentradas numa lista denominada “Todos os campos de atuação”.

Ao assumir a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem (Brasil, 2017b, p. 65), podemos depreender que a BNCC/EFII-v4 ancora-se na concepção de linguagem como forma de interação humana, compreendendo que os sujeitos se comunicam discursivamente em situações reais e concretas de interação. Assim, não faz sentido o estudo de unidades isoladas e, portanto, o texto, “produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém (...) [apontando] tanto para o fechamento quanto para a abertura de sentidos” (Geraldi, 2002[1991]), ganha centralidade no ensino da linguagem.

No **eixo da leitura**, as habilidades relacionadas à PAL referem-se, de modo geral, à compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos (Brasil, 2017b, p. 70). Observamos habilidades que se aproximam da PAL nesse eixo,

especialmente as relacionadas a efeitos de sentido, como a EF67LP07 e a EF89LP05, quando articuladas às demais estratégias relativas que as antecedem para a compreensão do gênero.

As habilidades apontam para o movimento metodológico do uso-reflexão a partir do trabalho com os gêneros discursivos/textuais, visando a levar o aluno a refletir sobre como as escolhas linguísticas textuais-discursivas, nesse caso, contribuem para a construção de sentidos durante a leitura. Há uma gradação nos objetivos quando, no 6º e 7º ano, pretende-se orientar para a identificação de recursos linguísticos que contribuem para a produção dos efeitos de sentido, a fim de ampliar os potenciais de leitura. E nos 8º e 9º anos, orienta-se “analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos”, possibilitando ao aluno operar e refletir sobre a linguagem, sobre os meios de expressão (Geraldi, 2002[1991]).

Quanto ao **eixo da produção de textos**, a BNCC/EFII-v4 “compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos” (BRASIL, 2017b, p. 74). Com base nesse entendimento, observamos, em algumas habilidades, a articulação do trabalho com os gêneros discursivos/textuais/multissemióticos às condições e contexto de produção, construção composicional e recursos expressivos da linguagem. Em habilidades como **EF67LP10 e EF89LP26** podemos observar uma aproximação à prática de AL no nível textual (coesão); morfossintático (uso da 3ª pessoa) e discursivo (paráfrase, marcas do discurso reportado, citações).

Ainda com relação ao eixo prática de produção, destaca-se o texto, materializado nos gêneros discursivos/textuais/multissemióticos que circulam nas variadas esferas da comunicação. O agenciamento dos recursos expressivos da linguagem nos níveis textual, morfossintático e discursivo promove o desenvolvimento de habilidades epilinguísticas, uma vez que o aspecto gramatical está atrelado às práticas sociais de uso da linguagem. É assim, de modo complementar às práticas de leitura e produção de texto, que a prática de AL pode ser desenvolvida, possibilitando a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua.

Quanto à **AL/Semiótica**, a BNCC/EFII-v4 apresenta-o como o eixo da reflexão/análise sobre/da realização das práticas de leitura/escuta e a produção de textos orais, escritos e multissemióticos. No *interior dos campos*, identificamos algumas aproximações à PAL, articuladas às práticas de leitura e produção textual, apontando para o movimento uso-reflexão. Nessas, as habilidades que se aproximam à PAL estão, geralmente, relacionadas a efeitos de sentido, sendo este caracterizado como objeto de conhecimento. Notamos que as habilidades referentes à AL/Semiótica, quando ocorrem, estão atreladas à textualização e progressão temática; argumentação; estilo e modalização (objetos de conhecimento), conforme podemos observar em EF67LP25 e EF89LP31.

Essas duas habilidades no nível textual e discursivo, respectivamente, envolvem recursos expressivos e estilísticos, adequados aos efeitos de sentido que o sujeito pretende provocar (FRANCHI, 2006[1988]), a favor de seu projeto de dizer (Geraldi, 2002[1991]). Apontam ainda para o desenvolvimento de atividades epilinguísticas e metalinguísticas, no movimento operacional e reflexivo, sem a determinação de classificações gramaticais estanques.

As habilidades que se aproximam da perspectiva de AL no eixo AL/Semiótica para *Todos os campos de atuação* restringem-se à coesão, semântica e figuras de linguagem; objetos de conhecimento referentes à dimensão sistêmica da língua que, segundo Mendonça (2006) e Geraldi (1999[1984]), podem ser trabalhadas tendo em vista o desenvolvimento de atividades relacionadas à produção textual, como nas habilidades EF67LP36, EF07LP13 e EF67LP38.

A partir dos critérios de Mendonça (2006), percorremos o componente de LP na BNCC/EFII-v4, a fim de analisar e criar inteligibilidades para as orientações e habilidades relativas à prática de AL. Observamos que as aproximações se dão, especialmente, no interior dos eixos, quando as habilidades decorrem de um trabalho articulado entre leitura e produção de textos, tomando a centralidade do texto organizado pelos gêneros discursivos/textuais/multissemióticos, em campos de atuação. Nessa articulação, as habilidades em torno da PAL ocorrem no movimento operacional e reflexivo, destacando-se a produção de efeitos de sentido pelos recursos expressivos da linguagem.

Não obstante, a recomendação de que estudos metalinguísticos não devem ser tomados como um fim em si mesmo (BRASIL, 2017b, p. 69) não condiz com o eixo específico AL/Semiótica, cujas habilidades são indicadas para “*Todos os campos de atuação*”, de acordo com o nível de ensino. Para começar, os objetos de conhecimento, de 6º a 9º ano, são elencados na seguinte ordem: Fono-ortografia; Elementos notacionais da escrita; Léxico/morfologia; Morfossintaxe; Sintaxe; Semântica; Coesão; Sequências textuais; Modalização; Figuras de linguagem e Variação linguística. Nessa “*organização cumulativa*”, a listagem de conteúdos assemelha-se ao sumário de uma gramática normativa (Mendonça, 2006, p. 203).

Ao listar uma série de habilidades no final dos eixos/práticas/campos, o documento reforça a clássica fragmentação entre leitura, produção textual e gramática. Se observarmos com atenção os códigos alfanuméricos que identificam cada habilidade, veremos que, no eixo AL/Semiótica, a maioria deles se reporta a outras habilidades, já citadas, no interior dos campos, ligadas às demais práticas. Um movimento confuso para o leitor que precisa fazer as associações, quando o próprio documento poderia tê-lo feito, possivelmente, no interior das práticas de linguagem/eixos.

A BNCC/EFII-v4 afirma dialogar com documentos curriculares anteriores, mas buscando *atualizá-los* (BRASIL, 2017b). Entretanto, seguindo a tradicional organização cumulativa para o eixo AL/Semiótica, deixa de contemplar um dos princípios fundamentais à PAL: sua articulação entre as práticas de leitura e produção de textos (Geraldí, 2002[1991]). A atualização referida pelo documento é observada, exponencialmente, pela inserção de gêneros digitais na organização dos campos de atuação. Quando nos atentamos para a textualização de cada habilidade do eixo AL/Semiótica, não encontramos, em grande medida, ressonâncias de um discurso atualizado, antes, um encadeamento das nomenclaturas gramaticais que partem do micro para o macro, reforçando a tradição gramatical, conforme alguns exemplos: EF67LP34, EF67LP35, EF06LP09, EF07LP05, EF06LP10.

Analisando a maioria dos verbos que introduz as habilidades, constatamos que a prioridade que se agencia é a de “identificar” e “reconhecer”. Habilidades como essas só reforçam a repetição (in)consciente de fórmulas escolarizadas, que ignoram ou limitam as condições de uso e reflexão sobre a linguagem (Franchi, 2006[1988]), porque

centram-se na identificação, reconhecimento e memorização de nomenclaturas gramaticais, próprias de atividades estruturais, afastando-se do texto como unidade central de ensino ou usando-o como pretexto.

Esse enfoque dos “conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordados isoladamente e em sequência mais ou menos fixa” alinha-se muito mais à perspectiva do ensino de gramática, distanciando-se da PAL, tendo em vista que não prioriza os usos como objetos de ensino (Mendonça, 2006, p. 207).

O eixo específico da AL/Semiótica da BNCC/EFII-v4 é composto de habilidades de cunho metalinguístico que priorizam o “identificar”, “classificar”, “reconhecer”, inclinadas às análises estruturalistas, centradas na norma-padrão. Essa configuração afasta-se da perspectiva enunciativo-discursiva assumida logo no início do componente de LP.

Como vimos, o objetivo da prática de AL não é o apagamento da gramática porque esta integra àquela. Todavia, a reflexão recorrente e organizada, voltada para práticas sociais de uso da linguagem não se reduz ao mero gosto por terminologias, embora as nomenclaturas possam ser usadas no movimento de atividades epilinguísticas para as metalinguísticas a fim de contribuir para a formação de leitores-escretores de gêneros diversos. (Geraldi, 1999[1984]; 2002[1991]).

A homologação da BNCC/EFII, “atualizada” com a perspectiva dos multiletramentos e a abordagem dos gêneros da cultura digital, resultado de várias reelaborações, ainda deixa lacunas quanto à orientação para o desenvolvimento de atividades que contemplem a prática de AL, quando destaca uma listagem de habilidades ao final do componente de LP, desarticuladas das práticas de leitura e produção textual.

Os parâmetros que conduziram nossa análise do eixo AL/Semiótica nos levam a concluir que, quando isolado dos demais eixos/práticas, sob a orientação de que esteja contemplando ou atravessando “Todos os campos de atuação”, a AL/Semiótica se aproxima consideravelmente de um ensino de gramática tradicional, como vimos nas habilidades citadas anteriormente. Desse modo, mesmo sob a nomeação de AL/Semiótica, afasta-se da perspectiva da prática de AL porque não remete, em grande medida, às situações de uso e reflexão sobre a linguagem, e assim, como já ensinava

o professor Bakhtin, na década de 1940, “isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática degenera em escolasticismo” (Bakhtin, 2013, p. 23).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns anos de (re)elaborações das versões da BNCC refletiram no componente de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, no eixo que se refere à análise e reflexão sobre a língua, o qual recebeu, em cada versão, nomeações distintas. Essa flutuação terminológica no eixo – associada a algumas incoerências na listagem de objetivos ou habilidades – revela a instabilidade sobre o que no documento se entende por prática de análise linguística.

Na análise empreendida na BNCC/EFII, compreendemos como aproximação à PAL, quando esta se apresenta articulada aos eixos de leitura e produção textual, no interior dos campos de atuação. Outrossim, consideramos afastamento, quando isola todo o eixo e organiza os conteúdos cumulativamente, tal qual as gramáticas tradicionais/normativas e, ainda, quando prioriza a metalinguagem, o que se evidencia, por exemplo, nas escolhas lexicais (“identificar”; “reconhecer”).

Notamos que quando a AL/Semiótica está articulada no interior das práticas, há uma aproximação com a abordagem sugerida por Franchi (2006[1988]) e Geraldi (2002[1991]) e também recomendada nos PCN (Brasil, 1998). Todavia, quando isolada dos demais, sob a indicação de que suas habilidades estejam interligadas a “todos os campos de atuação”, o eixo AL/Semiótica inclina-se fortemente para uma abordagem sistêmico-categorial.

No presente estudo, procuramos criar inteligibilidades para o componente curricular Língua Portuguesa na BNCC/EFII, detendo-nos, mais especificamente, nos encaminhamentos à PAL, sem esgotar as possibilidades de aproximações e afastamentos a essa abordagem.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **A prática de análise linguística/semiótica de base dialógica**: reflexões para leitores iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Orgs.). **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F.Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística**: afinal, a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Primeira versão. Brasília: MEC, 2015. Disponível em <http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 11 out. 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Segunda versão. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/referencias/segunda-versao-base-curricular/> Acesso em: 11 out. 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 11 out. 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Quarta versão homologada. Brasília: MEC, 2017b. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) Acesso em: 26 dez. 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

BUNZEN, Clécio. A fabricação da disciplina escolar Português. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11. n. 34, p. 885-911, set./dez. 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008. p. 295-316.

DUFFY, Brendan. Análise de evidências documentais. In: BELL, Judith. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes e educação, saúde e ciências sociais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 107-117.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: POSSENTI, Sírio (Org.). **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006 [1988]. p. 34-101.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999 [1984].

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1991].

GERALDI, João Wanderley. O ensino de Língua Portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. **Revista Retratos da Escola. Brasília**, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 199-226.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico**. Tese (Doutorado em Letras). Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2017.

PIETRI, Émerson de. **A constituição do discurso da mudança do ensino de língua materna no Brasil**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003.

RODRIGUES, Nara Caetano. **O discurso do professor de língua portuguesa no processo de reestruturação curricular: uma construção dialógica**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Gabriela Debas dos. **A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa: por uma abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTOS-CLERISI, Gabriela Debas dos. **Reverberações dos Estudos Dialógicos da Linguagem no discurso da BNCC: em torno do objeto discursivo prática de análise**

linguística/semiótica. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOUZA, Elisangela Krum de. **Ensino de Língua Portuguesa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC):** criando inteligibilidades para a prática de análise linguística. Dissertação de Mestrado Profissional em Letras (2019). Florianópolis: Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

### *Elisangela Krum de SOUZA*

Elisangela Krum de Souza tem graduação em Letras (habilitação Língua Portuguesa) pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Mestre em Letras pelo Programa Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2019). Doutoranda em Linguística por esta mesma universidade na área de concentração de Linguística Aplicada e na linha de pesquisa "Ensino e Aprendizado de Línguas. Participa como membro do projeto de extensão "Grupo de Estudos Linguagem e Dialogismo" (GELID) e do projeto de pesquisa "Estudo dialógico-sociológico de práticas discursivas em contextos escolares e não escolares", vinculados ao Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada (NELA). É professora-formadora de Língua Portuguesa pela rede pública municipal de Joinville.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço minha orientadora de mestrado, Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Nara Caetano Rodrigues e ao meu atual orientador de doutorado, Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup> Rodrigo Acosta Pereira pelas importantes contribuições dialógicas.

### *REVISOR DE LINGUAGEM*

*Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Rodrigo Acosta Pereira.  
e-mail: drigo\_acosta@yahoo.com.br*

*Recebido em 11/abril/2023.*

*Aceito em 30/agosto/2023.*